

PIETA POETAⁱ

MINAS GERAIS

Custou terra, muita
Custou água pra caramba
Custou semente,
Custou sol.
Custou botão,
Custou flor,
Custou abelhas,
Custou tempo e tudo mais
Pra crescer o caralho de uma fruta
Presse povo entupir de veneno.

Custou muda
Custou fibra
Custou raiz até chegar no fundo
Pra crescer uma árvore
Pro sujeito derrubar
Pra fazer papel higiênico.

Custou horas no sol no campo de algodão
Espinho ferrando a mão
Pra fazer um caralho de uma blusa
Pra ser desprezada por não ser de marca.

Custou pra Deusa toda uma equipe de design
Pra desenhar a embalagem mais inteligente e prática pra mexerica
Pra venderem ela descascada num pote plástico no Walmart.

Anos de evolução pra fazer um elefante
Pra gente matar pra fazer piano. Pra gente matar pra fazer piano.

A gente pega a verdura, põe num plástico,
Ela murcha, a gente joga fora dentro de outro plástico
Fica lá em estado estático
Até alguém no lixão achar e comer com gosto.

A gente caga na água
Limpa e tratada todo dia.
A gente joga no mar o esgoto

Depois quer dar oferenda pra lemanjá.
A gente fez ilhas de lixo no mar
Onde a natureza fez ÁGUA
A gente fez ILHA Só pra exibir a morte que a gente cria.

Mas que lindo os vídeos da gente salvando tartaruga de rede de pesca
E comendo carne.
Comprando ecolápis Faber Castel
E não separa o lixo
Criando o dia da água
E nas cidades não se trata o lixo
Seu filhinho vem da escola todo ano com a carinha pintada pro dia do índio.
E a gente enfiando minério na porra do rio .

Um Plástico, dentro de outro plástico, dentro de outro plástico pra proteger outra
parada de plástico, 500 tipos diferentes de plástico,
Custou gazilhões de dinossauros
Pra gente SE MATAR pra chupar o petróleo da terra
Pra fazer sacola, brinquedo, garrafa, para choque, computador, talher, canudinho,
carrinho, panfleto, caneta, pote, pinto de borracha,

A gente fez um monte de linha imaginária
Na merda de uma ROCHA girando no espaço, cheia d'água
Resolveu matar quem cruzava,
Chamou de fronteira
Começou invadir o do outro
Matar o outro por uma terra que era bem comum de todos
Tudo nessa merda era nosso
E a gente resolveu que precisava muito trocar tudo por COISA NOVA PRA JOGAR NO
LIXO.

Ce ta maluco meu filho?
Custou nossa morte tudo isso.
E oces xingando vegano no Instagram
E oces deixando pra começar amanhã
Oces botando fogo no mato
Fogo no rabo
Fogo
No próprio pulmão
E oces jogando pilha velha na descarga
Afinal não pega nada, eu que pago a pilha e a água
Então sobe na montanha e vê se lá tem leitor de boleto
Pra efetuar o pagamento

Do que você roubou de você.

Burricé é destruir a própria casa.
Burricé é desmatar a própria mãe
Eu não tô falando grego, tô?
Então me conta
Qual o sentido
De fazer um monumento monolítico
Construir um bagulho bombástico
Sugar os dinossauro da terra
Pra fazer dinossauro de plástico?

ⁱ **Pieta Poeta** é transmasculino, autista, professor, músico, artista plástico e escritor de Belo Horizonte, campeão mundial de poesia falada. Ator e dramaturgo, é membro da Cia 5só de teatro, pioneira no conceito de teatro poético-marginal. Filho só de mãe, nascido no dia mais frio do inverno de um ano qualquer na década de 90, no primeiro decanato do signo de virgem. Tem dois livros e duas antologias publicados pela editora Venas Abiertas, um livro infanto-juvenil pela editora Terê, 22 Zines de produção independente, atua em 4 cenas curtas, e um espetáculo autoral até o momento, mas mira o infinito e além. Publicações: “Lua nos pés”- 2018; “Você ainda quer gritar comigo?” - 2020; “TRANSforma” - 2023. Além da antologia “À luta, à voz!- Coletivo sarau de periferia” - 2018. **E-mail:** pieta.poeta@gmail.com